

Resenha: Emergência de um regime prático das artes

Letícia Cristina Saraiva

LADDAGA, Reinaldo. *Estética da emergência: a formação de outra cultura das artes*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 302p.

Estética da emergência: a formação de outra cultura das artes evidencia o desenvolvimento de projetos artísticos que se articulam em redes de colaboração entre pessoas de diversas origens e formações, operando as relações de alteridade no reconhecimento da diferença dos sujeitos coletivos e indivíduos ‘ex/colonizados’. Assim, abre-se para uma política de troca internacional entre bases de mundos distintos que ultrapassam a dialógica da dominação cultural. Artistas produzem na coletividade, na colaboração, em um pensamento de troca de saberes e compartilhamento diferente da organização disciplinar. Na América Latina e em outras territorialidades que não estão no eixo do poder econômico abrem-se as fendas na institucionalidade hegemônica para situar e disseminar um novo regime possível às artes.

Na experiência de coexistência e de alteridade compõe-se um sistema de fluxo de trocas de saberes na produção de espaços locais e na invenção de uma cultura das artes em um período que afirma como ‘fim da sociedade disciplinadora’ – sociedade essa descrita por Michel Foucault –, assumindo produção colaborativa complexa e hibridizada de caráter transdisciplinar em ‘comunidades experimentais’. Essas novas *ecologias culturais* estão predispondo outras regras que geram modos representacionais em formas de socialização experimentais.

Seis anos após a primeira publicação, *Estética de la emergência* – em 2006, na Argentina pela Adriana Hidalgo Editora – confirma-se, hoje, na observação das novas práticas e suas reverberações no campo internacional da arte. Essas exprimem as novas emergências pós-modernas e pós-coloniais que se encontram, como exposto pelo autor, cada vez mais implicadas na formação de uma nova estética: espaço da cultura que se abre

às trocas comunicacionais, aos novos fluxos informacionais e colaborativos de produção. Nesse contexto, a edição na língua portuguesa fez-se imprescindível. e o livro foi publicado no Brasil em 2012 pela Martins Fontes com tradução de Magda Lopes.

Nascido em Rosário, Argentina, Reinaldo Laddaga foi curador pedagógico em inúmeras mostras do circuito internacional. Esteve no Brasil lecionando na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2006 e, atualmente, é professor na Universidade da Pensilvânia. Essa trajetória indica por que o autor busca, além de observar a estética produtiva europeia e norte-americana, olhar para ações de artistas latino-americanos. Expõe o caráter diversificado de linguagens, textos, imagens, meios, lugares, arquiteturas das produções que se situam na emergência do local – construções de plataformas propostas por artistas que estão mais interessados em expandir os processos produtivos em *comunidades experimentais* de intervenção urbana do que em investir nas produções individuais. Tais produções de imagens desenvolvem-se em função dos interesses vivenciados nessas comunidades.

Organizado em nove ensaios, o livro assume uma trajetória analítica que direciona para a emergente transição entre um *antigo regime estético*, na abordagem a Jacques Rancière, e um novo regime prático das artes que defende como a ‘formação de uma nova cultura das artes’. Traz à tona a configuração no presente de uma *estética em trânsito* que nas últimas décadas reorientou o regime das artes em vias da emergência de um regime prático dado na localidade, na aproximação legítima da arte com a vida, com o comum. O texto é orientado por exemplos de projetos artísticos compostos na diversidade de linguagens que reformulam as regras de representação nas artes. Alguns grupos artísticos que se organizam em ‘comunidades experimentais’ e foram abordados no livro são: What’s the time in Vyborg? (Vyborg/Rússia); Park Fiction (Hamburgo/ Alemanha); Wu Ming (Itália); The Venus Project (Vênus/Flórida/EUA); A Comuna: Paris, 1871 (França).

Esses novos modos de produções colaborativas são práticas criativas que desenham a arquitetura de projeto interessadas na proposta de construção de comunidades de comunicação e câmbio. São trabalhos de artes visuais, artes cênicas, cinematográficas e literatura que se debruçam sobre a vida comum e o espaço da cidade historicamente determinado para a realização de projetos ficcionais e imagéticos, reunindo experimentações de sociabilidade que configuram novas formas de operação das

ecologias sociais e questionamentos sobre o local, intervenções mapeadas e protestos que repensam o próprio espaço do comum.

Conectados com o lugar de encontro e ação, esses projetos produzem mundos comuns em contextos de investigação e aprendizagem coletiva, laboratórios ao ar livre. O espectador torna-se um colaborador ativo, integrado ao processo de produção, guiado por ações orientadas que objetivam modificar o estado de coisas do mundo. Processos abertos e cooperativos atuam nas formas de vida, na organização de uma rede de novas formas de convívio e produção. Emergência de uma nova ecologia social, de outras maneiras de pensar e fazer arte em vias das práticas de convívio, trocas transdisciplinares, pós-disciplinares – comunidades de resistência – que resultam em objetos ou ações artísticas fronteiriças, configurando canais de comunicação entre as partes da coletividade de produção em uma dada estrutura estético-social local.